



## **A Internet na comunidade rural Primeiras notas de uma pesquisa<sup>1</sup>**

Iano Flávio de Souza MAIA<sup>2</sup>  
Sebastião Guilherme Albano da COSTA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Para construir os cenários iniciais da nossa pesquisa sobre os possíveis impactos do uso da internet no cotidiano de uma comunidade rural, apresentaremos dados recentes sobre inclusão digital no país, além de discutirmos os discursos de modernização que sustentam tais políticas. Discutiremos também a relação de comunidades tradicionais com os valores da modernidade e as estratégias de anticonfigurações utilizadas por elas em contextos de disputa entre o tradicional e o moderno.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; inclusão digital; internet; modernidade;

### **Primeiras Conexões**

No alto da Serra de Santana, no Assentamento São Francisco – distante 12 quilômetros da sede do município de Cerro Corá e 202 quilômetros de Natal, capital do Rio Grande do Norte – vivem cerca de 30 famílias de agricultores familiares. Criado há dez anos, os 700 hectares do assentamento são cultivados com milho, feijão, mandioca e frutas tropicais, especialmente o caju, além da criação de gado para produção de leite (INCRA, 2006).

Seria uma típica comunidade rural, não fosse uma casa com paredes multicoloridas e uma antena apontada para o espaço. Uma antena diferente das que conectam os televisores, pois liga os dez computadores instalados na comunidade em 2006 à internet. O Telecentro São Francisco, como foi batizado, é uma das ações do programa *Luz para Todos*, que reúne diversas instituições públicas e privadas, inclusive o Governo Federal,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no **GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local** do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [ianoflavio@gmail.com](mailto:ianoflavio@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: [sgac@ufmet.br](mailto:sgac@ufmet.br)



e tem como objetivo garantir o acesso à energia elétrica para 10 milhões de pessoas em comunidades rurais de todo o país que possam utilizá-la como vetor de desenvolvimento social e econômico (FUNCERN, 2006); (BRASIL, 2009).

É este o cenário de uma pesquisa de mestrado que busca compreender os processos de construção e reconstrução de práticas sociais e comunicativas a partir da inserção da internet no cotidiano da comunidade rural, mapeando a dinâmica das práticas comunicativas no assentamento e suas projeções sobre outras práticas sociais; além de buscar possíveis reflexos do uso da internet sobre essas práticas sociais e comunicativas nos espaços comunitários e, particularmente, no cotidiano das famílias.

Em nossa pesquisa, acompanharemos jovens usuários do Telecentro São Francisco em suas experiências na internet e no seu cotidiano local; nas suas experiências com a TV, o DVD, a música; no convívio com os grupos de jovens e seus espaços de socialização, a escola, o campo de futebol, as festas; e com suas famílias e sua vivência cotidiana. A interação com o universo simbólico ampliado pelas potencialidades da internet deve causar transformações nos modos de pensar, agir, viver e consumir. Pois, de acordo com Thompson (1998, p.14),

De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum.

A inclusão digital de comunidades rurais ganha relevância quando o Governo Federal anuncia a criação de um programa nacional de inclusão digital em áreas rurais: o *Territórios Digitais*, que deve instalar telecentros de acesso à internet – chamados de *Casas Digitais* – em assentamentos, escolas agrícolas, comunidades tradicionais e sindicatos em 120 territórios rurais. As *Casas Digitais* são equipadas com computadores com acesso à internet, câmeras para *web* e equipamentos de voz sobre IP para comunicação de voz. Para o usuário, o manejo desses equipamentos deixa a impressão de que podem se tornar algo mais que meros consumidores, mas produtores de conteúdo. De fato, esse dado distingue as novas tecnologias de comunicação e informação das tradicionais mídias audiovisuais.

Discutiremos agora algumas noções que surgem no horizonte com as primeiras conexões que realizamos entre o nosso objeto de estudo e o universo teórico. Discussões em movimento, em busca de diálogos e que não serão encerradas aqui.



## Modernidade e globalização

Um dos primeiros *downloads* realizados pela conexão à internet é a noção de globalização. Comumente associada aos processos de interconexão e comunicação, a globalização intensifica-se nas últimas décadas do século 20. No entanto, sua origem remonta ao fim da Idade Média, com a regularização e ampliação do comércio e a divisão do trabalho entre colônias e metrópoles (THOMPSON, 1998).

A comunicação, ainda segundo Thompson, globaliza-se como fruto da reorganização do poder simbólico dentro da nova ordem da atividade produtiva moderna e com a concentração do poder econômico. O século 20 foi o palco desse processo com o desenvolvimento dos grandes meios de comunicação de massas. As rotativas eletrônicas que incrementam a tiragem dos jornais e revistas, o advento da telefonia, do cinema, do rádio, a televisão, os satélites encerram a idéia de interconexão e de compartilhamento de conteúdos entre pessoas em circunstância histórica e posição geográfica distintas.

Os anos 1990, a última década do século, viram a internet iniciar o processo de convergência de todos esses meios e causar grandes transformações e impactos na vida social, na circulação de bens culturais e até na economia. Mesmo assim, a convergência digital, para Canclini (2008b, p. 33), continua associada às fusões e concentrações de empresas na produção de cultura.

No entanto, apesar de semanticamente indicar um sentido de universalização,

a globalização da comunicação tem sido também um processo estruturado e desigual que beneficiou mais a uns do que a outros, e que incluiu mais rapidamente algumas partes do mundo nas redes de comunicação global do que outras (THOMPSON, 1998, p. 143).

Nos contextos locais, não é diferente. A pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação realizada em 2008 (CGI.br, 2009, p. 89) aponta para uma forte desigualdade no acesso aos computadores e à internet no Brasil. Enquanto a televisão está presente em 97% dos domicílios pesquisados, o computador de mesa chega apenas a 23% dos lares. No contexto rural, a situação é ainda pior. Somente 7% das residências possuem o equipamento contra 91% da televisão.

Se observarmos o acesso à internet, a proporção é ainda menor. Enquanto na área urbana, 20% dos lares possuem conexão à rede, nas áreas rurais, esse número é de 4%. O que tem um reflexo direto sobre o número de usuários conectados. Na zona urbana, a proporção de pessoas que acessaram a internet nos últimos três meses – conceito de



*usuário* adotado pela pesquisa – chega a 38%. Na zona rural, o percentual não passa dos 15% (CGI.br, 2009, p. 90 e 94).

As *lanhouses* – centros públicos de acesso pago à internet – são o principal local de uso da rede para 48% dos usuários. Na zona rural, 58% procuram esse serviço. Por outro lado, os centros públicos que oferecem acesso gratuito à rede mundial de computadores – os telecentros – só conseguem atender 4% da população conectada (CGI.br, 2009, p. 97).

Um levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) aponta que existem cerca de 21 mil telecentros em todo o país por iniciativa de 159 programas de inclusão digital. A região Nordeste tem 7,6 mil pontos de inclusão digital, o Rio Grande do Norte, 482 (IBICT, 2009). A pesquisa não estratifica os números quanto à localização no meio rural, mas os dados do Observatório Nacional de Inclusão Digital (2009) apontam que cerca de 28% dos telecentros está situado em municípios de pequeno porte.

São números importantes que apontam para um crescimento do número de usuários da internet no Brasil, mas ainda há uma grande brecha digital a ser preenchida. Mesmo assim, é preciso observar os principais movimentos que se iniciam para começarmos a desenhar cenários futuros e nos prepararmos para eles, cenários em que haverá, cada vez mais, maiores possibilidades de acesso à rede.

### **Curto-circuito: da tradição à modernidade na velocidade da luz**

No Assentamento São Francisco, os computadores chegaram simultaneamente à luz elétrica. Vieram de longe, junto com outras maravilhas modernas, para garantir o “desenvolvimento social e comercial das comunidades residentes no campo” (INCRA, 2006). Como se esse viés da modernização fosse capaz de resolver todos os problemas advindos com a modernidade. No entanto, Canclini (2008a, p. 17) chega mesmo a questionar a necessidade dessa modernização:

[...] na América Latina, onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar, não estamos convictos de que modernizar-nos (*sic*) deva ser o principal objeto, como apregoam políticos, economistas e a publicidade de novas tecnologias.



O discurso do desenvolvimento, da modernização ou da civilização é tão antigo quanto a própria modernidade. Europeus imbuídos de uma série de valores ditos universais, oriundos de uma certa lei natural, rumaram à Ásia, África e Américas em missões civilizadoras desde o século XII, das cruzadas às navegações. No entanto, nem a lei era natural, nem os valores universais já que são uma “criação social dos estratos dominantes de um sistema-mundo específico”, tal como afirma Wallerstein (2007, p. 59-60).

Também não é de hoje que governos latinoamericanos apostam em políticas modernizadoras e “universalizantes”. No início do século XX, Argentina, Uruguai e México adotaram estratégias diversas para divulgar os valores modernos, seja através do cinema, do investimento nas artes ou pela reformulação dos conteúdos educacionais (COSTA, 2007, p. 119). A partir dos anos 1980, o discurso da modernização ressurgiu no cenário da comunicação vestido de “novas tecnologias” e com promessas de um salto qualitativo da modernidade – essencial para a sobrevivência econômica e social de todos os países (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 252).

Entretanto, ainda que não seja fundamental, a modernidade traz a conexão às redes midiáticas e interativas, como a televisão via satélite ou a internet, que amplificam a circulação e renovam a oferta simbólica nos contextos locais. É aí que Martin-Barbero (1997, p. 253-254) aponta para um processo de esquizofrenia que se apresenta em diversos níveis. Desde a fascinação e o deslumbramento pelas tecnologias informáticas à presença conflitiva e dinâmica das culturas populares na América Latina.

Nos contextos urbanos, Canclini vê uma fragmentação dos espaços de participação e uma cessão do protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. “Como quase tudo na cidade 'acontece' porque a mídia o diz e como parece que ocorre como a mídia quer, acentua-se a mediatização social, o peso das encenações, as ações políticas se constituem enquanto imagens da política” (CANCLINI, 2008a, p. 290).

No contexto rural, pela proximidade entre os indivíduos, a mediatização local deve sofrer menor impacto das tecnologias eletrônicas, tal como descrito por Canclini. Mas é possível que haja transformações na relação desses indivíduos com suas práticas tradicionais. Já que, atraídos pela mídia, experimenta-se um distanciamento das interações face-a-face e das formas locais de autoridades – levando a um aumento da reflexividade sobre certas ações. Ao mesmo tempo que facilita o declínio da autoridade tradicional e dos fundamentos tradicionais da ação, a mídia cria condições para a



renovação em uma escala superior a qualquer coisa existente no passado (THOMPSON, 1998).

Thompson (1998) acredita ainda que esses desenvolvimentos não enfraqueceram as tradições, pois essas continuam sendo importantes na vida cotidiana dos indivíduos. Elas foram, sim, transformadas pela mediatização, pela desritualização, o que lhes abriu caminho para sua expansão e renovação. Canclini (2008b, p. 33) aponta mesmo para as transformações dos saberes e do imaginário contemporâneo que, há pelo menos meio século, incorporaram a cultura oral e a audiovisual-eletrônica em sua organização.

Na América Latina, historicamente, as práticas literárias não se conformaram mesmo em espaços de circulação de ideias pelas altas taxas de analfabetismo – chegavam a 90% no início do século XX (COSTA, 2007, p.117). Uma realidade que custa a mudar no contexto rural brasileiro.

A internet no Assentamento São Francisco certamente ganha um sentido em seu processo de institucionalização e socialização. Para Canclini (2008a, p. 308-309),

A remodelação tecnológica das práticas sociais nem sempre contradiz as culturas tradicionais e as artes modernas. [...] Essa apropriação múltipla de patrimônios culturais abre possibilidades originais de experimentação e comunicação, com usos democratizadores, como se observa na utilização do vídeo por alguns movimentos populares [...] Mas as novas tecnologias não só promovem a criatividade e a inovação. Também reproduzem estruturas conhecidas.

Martin-Barbero (1997, p. 256-257) lembra os processos de reconfiguração adotados por grupos e comunidades diante das novas tecnologias impostas, ainda que de forma disfarçada pelo discurso da modernização. Para ele,

A saída, então, é tornar o original importado como *energia*, potencial a ser desenvolvido a partir dos requisitos da própria cultura. Sem esquecer que às vezes a única forma de assumir ativamente o que nos é imposto será a anticonfiguração.

## **Navegações**

A interação por intermédio da internet traz novas e múltiplas possibilidades de anticonfigurações dos valores da modernidade. Canclini (2008b, p. 52) aponta para duas características que potencializam o elemento interativo da internet. Em primeiro lugar, para os internautas “as fronteiras entre épocas e níveis educacionais se esfumam [...] as culturas dos que são vizinhos e a dos que estão distantes tornam-se espantosamente



acessíveis. 'Familiarizam-se'”. Do ponto de vista da ação no consumo, o internauta leva vantagem sobre o telespectador pois “tem mais recursos para trabalhar na edição dos materiais, interromper e selecionar, ir e voltar”.

As possibilidades interativas da internet podem nos levar a superestimar as mudanças de hábito de seus usuários. Ainda que o elemento tecnológico não seja, de imediato, agente de mudança, como se observou com o surgimento da televisão e das demais tecnologias da informação e comunicação, precisamos observar o contexto e o ambiente em que se inserem as novas ferramentas. Canclini (2008b, p. 53) dá especial atenção para resultados de pesquisas que apontam para transformações da sociabilidade de jovens que coincidem com a adoção de novas tecnologias de comunicação.

Neste sentido, Wolton (2003) sugere que a convergência tecnológica não somente traz mudanças técnicas ao reunir diversos serviços em um só terminal, é também uma transformação cultural, pois reúne atividades que estiveram separadas durante séculos. Mas a técnica não deve, para ele, ser superdimensionada tal como faz a ideologia técnica, que chega a “crer que o avanço técnico é o principal fator de mudança, o modelo cultural e o projeto social sendo considerados como secundários” (WOLTON, 2003, p. 208).

Para ele a mudança social não está condicionada à mudança técnica e sim a um contexto sócio-cultural que a respalde.

No momento em que se tem a impressão de uma continuidade enfim possível entre tecnologia e conteúdo, entre tecnologia e sentido, é preciso, ao contrário, redobrar a vigilância para distinguir o mais claramente o que diz respeito à performance da técnica e o que provém da capacidade humana e social de comunicação (WOLTON, 2003, p. 97).

Estudos apontam, por exemplo, que usuários britânicos de internet não estão adquirindo novos hábitos com a internet, estão apenas dando nova forma a seus velhos costumes, sem que isso signifique alteração significativa no uso do tempo (ANDERSON; TRACEY, 2005, p. 160). Além disso, não são apenas os hábitos virtuais que ascendem com a internet. Um estudo canadense aponta que usuários conectados à internet em um subúrbio de Toronto melhoraram tanto seus contatos com parentes e amigos distantes, como com seus vizinhos de quarteirão também conectados (HAMPTON; WELLMAN, 2005, p. 365-367).

A internet tem, então, uma multiplicidade de usos e impactos possíveis sobre comunidades locais e virtuais. Para Wolton, “A Web torna-se uma figura de utopia, de uma sociedade onde os homens são livres, capazes de se emancipar por eles mesmos.



Nada disso é falso e corresponde ao espírito da nossa época” (2003, p. 86). Nossa pesquisa segue agora para uma definição de metodologia que busque compreender a internet enquanto mídia e sistema de informação e tente desvendar as utopias creditadas à rede no cotidiano de comunidades rurais como o Assentamento São Francisco, no alto da Serra de Santana.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Ben; TRACEY, Karina. Digital Living: The impact (or otherwise) of the internet on Everyday British Life. In: WELLMAN, B.; HAYTHORNTHWAITE, C. **The Internet in Everyday Life**. Malden: Blackwell Publishing, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA (MME). **Programa Luz para Todos**. Disponível em: [http://luzparatodos.mme.gov.br/luzparatodos/Asp/o\\_programa.asp](http://luzparatodos.mme.gov.br/luzparatodos/Asp/o_programa.asp). Acesso em: 01jul.2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** – Estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Leitores, Espectadores e Internautas**. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008**. São Paulo, 2009.

COSTA, Sebastião G. Albano da. Narrativas de convergência na América Latina – Literatura, Comunicação e Estudos Culturais. In: **Comunicação e Espaço Público**. Brasília: Universidade de Brasília. Ano X, n.º 1 e 2, 2007.

FUNDAÇÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO E AO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DO RIO GRANDE DO NORTE (FAPERN). **Proposta de Atividade de Capacitação do projeto de inclusão digital em assentamento da reforma agrária no Estado do Rio Grande do Norte**. [Natal], 2006.

HAMPTON, Keith N.; WELLMAN, Barry. The Not So Global Village of Netville. In: WELLMAN, B.; HAYTHORNTHWAITE, C. **The Internet in Everyday Life**. Malden: Blackwell Publishing, 2002.

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Mapa da Inclusão Digital**. Disponível em <http://inclusao.ibict.br/mid/mid.php>. Acesso em: 21/junho/2009.



INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Telecentro será inaugurado em assentamento do RN**. Release de imprensa. 29 de julho de 2006. Disponível em: [http://www.pronera.gov.br/portal/index.php?view=article&catid=1%3Aultimas&id=1492%3A0&format=pdf&option=com\\_content&Itemid=278](http://www.pronera.gov.br/portal/index.php?view=article&catid=1%3Aultimas&id=1492%3A0&format=pdf&option=com_content&Itemid=278). Acesso em: 22.jun.2009

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações** – Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Sérgio Alcides e Ronald Polito Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

OBSERVATÓRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL (ONID). **Estatísticas**. Disponível em: <http://visualizacoes.onid.org.br/?aba=municipios>. Acesso em: 23jun.2009.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade** – uma teoria social da mídia. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu**. A retórica do poder. Trad. Beatriz Medina São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

WOLTON, D. **Internet e Depois?** Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003.